



## Marcação / não marcação das formas de tratamento *tú, vos e usted* via planos discursivos

### Markedness/non-markedness of treatment forms *tú, vos and usted* through discursive plans

Valdecy de Oliveira PONTES\*

Ricardo Freire da SILVA\*\*

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é o de apresentar uma análise funcional, em peças teatrais, do começo do século XX, aplicada ao percentual de frequência de uso das formas de tratamento *tú, vos* e *usted* no espanhol argentino e uruguaio, com foco nos planos discursivos (*figura, fundo 1 e 2*) e no princípio funcional da marcação. Para esta pesquisa, utilizou-se como referencial teórico, os estudos de Givón (1990, 1991, 1995), Hopper (1979), Hopper e Thompson (1980) e Chedier (2007). Em relação aos resultados, nas peças argentinas, para *figura*, a forma *vos* apresentou um percentual de 49,38%. Por outro lado, para *fundo 1 e fundo 2*, no uso de *usted*, obteve-se 46,15% e 67,83%, respectivamente. No caso do Uruguai, ocorreu o predomínio da forma *tú*, nos três planos discursivos, com 66,02% para *figura*, 100% para *fundo 1*, e 85,71% para *fundo 2*. Espera-se, com este estudo, contribuir para ampliar as discussões sobre as formas de tratamento e os planos discursivos, pelo viés funcional, e, assim, oportunizar novas possibilidades de análise e possíveis desdobramentos de cunho teórico-analítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Planos discursivos. Princípio de marcação. Formas de tratamento. *Tú, vos e usted*. Peças teatrais.

**ABSTRACT:** This paper is to present a functional analysis, in theater plays, from the beginning of 20th century, applied to the frequency percentage of use of the treatment forms *tú, vos* and *usted* in Argentinean and Uruguayan Spanish, focusing on the discursive planes (*foreground, background 1 and 2*) and the functional principle of markedness. This research used the studies of Givón (1990, 1991, 1995), Hopper (1979), Hopper and Thompson (1980), and Chedier (2007) as theoretical references. Regarding the results, in Argentinean plays the form *vos* presented a percentage of 49,38%. On the other hand, for background 1 and 2, in the *usted* use, it was obtained 46,15% and 67,83%, respectively. In Uruguayan plays, the predominance of *tu* form in the three discursive planes occurred, with 66,02% for foreground, 100% for background 1, and 85,71% for background 2. This research contributes to broaden discussions about the treatment forms and the discursive planes functional bias, and, it provides new possibilities of analysis and possible theoretical-analytical developments.

**KEYWORDS:** Discursive plans. Markedness principle. Treatment forms. *Tú, vos and usted*. Theater plays.

Artigo recebido em: 16.12.2022

Artigo aprovado em: 27.02.2023

---

\* Doutor pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor da UFC. [valdecy.pontes@ufc.br](mailto:valdecy.pontes@ufc.br)

\*\* Mestre em Linguística, UFC. [richard.freire@hotmail.com](mailto:richard.freire@hotmail.com)

## 1 Introdução

Ao examinarmos os estudos sobre os sistemas pronominais no âmbito hispânico, verificamos que a maioria das pesquisas são de cunho formal ou variacionista, conforme Silva (2021). Desse modo, no sentido de ampliar a discussão no que tange aos pronomes de tratamento em narrativas de peças de teatro, julgamos pertinente analisar, pelo viés funcional, o percentual de frequência e o contexto prototípico de uso de três formas de tratamento de segunda do singular em língua espanhola (variedades uruguaia e argentina), em relação à organização das informações em uma narrativa e à forma como o falante apresenta a informação, ou seja, se ele seleciona diferentes pronomes de segunda pessoa do singular (*tú, vos e usted*), a depender do plano da narrativa.

Em relação ao relevo discurso de uma narrativa, na visão de Pontes (2012, 2016), podemos mencionar a figura, que diz respeito à informação tida como essencial e, geralmente, remete ao desenvolvimento da história, com a apresentação cronológica dos fatos que a constituem. Há, ainda, o plano discursivo de fundo da narrativa, no qual o autor expõe informações secundárias (acessórias) ao enredo.

Considerando esses dois aspectos, propomo-nos, neste artigo, a analisar de que forma os pronomes de segunda do singular *tú, vos e usted* figuram no gênero textual peça de teatro. Para isso, deter-nos-emos no princípio funcional de marcação e nos contextos prototípicos de uso, via planos discursivos (figura, fundo 1 e fundo 2).

Primeiramente, apresentamos o referencial teórico no que diz respeito ao princípio de marcação e de expressividade retórica e, ainda, aos planos discursivos figura e fundo. A seguir, expomos informações sobre as formas de tratamento na Argentina e no Uruguai, o *corpus* da pesquisa e os procedimentos metodológicos. Por fim, há a análise dos dados e, também, as considerações finais da pesquisa.

## 2 Princípio de marcação

O princípio de Marcação ou os termos “marcado” e “não marcado” foi proposto pelo círculo de Praga. Nessa empreitada, os linguistas desse círculo advogaram por uma nova interpretação da noção saussuriana dada ao valor linguístico, ao contrastar duas formas. O contraste se dá quando um dos elementos apresenta uma dada propriedade (elemento marcado), que está ausente no outro (elemento não-marcado).

Para Givón (1995), esse princípio pressupõe o exame comparativo da complexidade de estruturas de uma dada língua. Dessa forma, ao estabelecermos a comparação entre dois vocábulos, haverá um marcado (estruturalmente mais complexo) e outro não-marcado (estruturalmente mais simples). Não obstante, essa análise está condicionada ao contexto de uso, visto que em um determinado contexto pode ser marcado e não marcado em outro.

Desse modo, no exame de elementos marcados/não marcados, conforme Givón (1995), devemos considerar variáveis de cunho comunicativo sociocultural, cognitivo e biológico. Por exemplo, o pronome *vos* (uso de *vos* no lugar de *tú*) é não marcado no espanhol oral de Chiapas no México, por ser muito comum. Por outro lado, o uso de *vos* é marcado em outras áreas do México, pois esse pronome é quase inexistente, segundo Andión Herrero (2004).

Ao analisar a marcação, Givón (1990, p. 947) elenca três fatores:

(a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada.

(b) distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada.

(c) complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não-marcada.

É importante salientarmos, ainda, que, para o autor, é essencial que se averigüe cada fator separadamente. Após esse primeiro exame, os resultados preliminares de

cada um dos três subprincípios devem ser comparados e correlacionados. Para além disso, é necessário que o grau de complexidade cognitiva das formas linguísticas seja verificado indiretamente, posto que, nas palavras de Givón (1991, p. 38): “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser substantivamente mais marcadas”. Assim, o subprincípio de complexidade cognitiva pode estar ligado ao subprincípio de complexidade estrutural.

Ao analisar a questão da complexidade cognitiva e, também, contextual, Dubois e Votre (2012) propõem o princípio de expressividade retórica. Para os autores, é possível que um procedimento discursivo marcado reduza ou elimine o esforço de codificação. Nesse sentido, Dubois e Votre (1994, p. 12) asseveram que: “É preciso repensar o princípio de marcação, também, no que diz respeito à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação”. Assim, os autores vislumbram a tendência de formas marcadas aparecerem em contextos menos marcados e, também, de formas menos marcadas figurarem em contextos mais marcados. Dessa forma, teríamos o equilíbrio cognitivo contextual.

Por fim, Cezario, Marques e Abraçado (2016) ressaltam que embora em alguns casos, devido ao número limitado de dados nos corpora utilizados e/ou disponíveis, estudos funcionalistas façam uma abordagem qualitativa do fenômeno estudado, postula-se que a quantificação é extremamente importante nas pesquisas que seguem essa teoria, por permitir que o pesquisador observe a frequência dos elementos relacionados, considerando os pressupostos teórico-analíticos para a categorização de formas marcadas/não marcadas, nos distintos contextos pragmático-discursivos.

### **3 Plano discursivo: figura e fundo**

Neste artigo, analisaremos a hierarquização das informações, presentes nas peças teatrais argentinas e uruguaias, com o objetivo de averiguar os graus de centralidade *versus* perifericidade. Em outras palavras, examinaremos a relação entre

o que é essencial na narrativa (figura) e, ainda, o que seria considerando como informação acessória (fundo), com base na proposta original de Hopper e Thompson (1980).

Para Hopper (1979), o protótipo de figura (*foreground*) no plano da narrativa abarca os seguintes elementos:

(i) contribui para a progressão da narrativa, com eventos dinâmicos, sequenciais, cronológicos, factuais e concluídos;

(ii) apresenta personagens humanos e previsíveis (tópicos);

(iii) tem orações coordenadas de alta transitividade, com verbos aspectuais perfectivos;

(iv) expõe a sequência temporal e as principais ações da narrativa, no cerne de sua estrutura básica.

O fundo (background) prototípico, na proposta de Hopper (1979), apresenta a seguinte configuração:

(i) contribui para a compreensão de situações e atitudes subjetivas de personagens na narrativa, com o predomínio de situações estáticas e descritivas, com eventos simultâneos, nem sempre factuais ou concluídos;

(ii) rotatividade de sujeitos no plano da narrativa;

(iii) tem orações coordenadas, subordinadas e principais, com verbos aspectuais imperfectivos.

Silveira (1997) revê essa divisão clássica para o relevo discursivo na narrativa e apresenta uma reformulação da proposta original de Hopper e Thompson (1980), partindo do pressuposto de que esses planos discursivos não são categorias discretas, mas escalares. Assim, Silveira (1997) esboça um gradiente de figuricidade – de figura prototípica a vários tipos de fundo. Vejamos, conforme Silveira (1997) apud Chedier (2007, p. 40):

- categoria I: é a figura prototípica;

- categoria II: cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura. Apresentam ou resumem o que vai ser relatado, o cenário, os participantes e a fala dos personagens;
- categoria III: cláusulas-fundo que especificam o modo, a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);
- categoria IV: cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas);
- categoria V: cláusulas-fundo que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas);
- categoria VI: cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor. Apresentam opiniões, dúvidas, conclusões.

Para a nossa análise, utilizaremos uma proposta mais recente, a saber: Chedier (2007). Essa pesquisadora reorganizou o esboço de Silveira (1997) e reduz as seis categorias a três. Nesse percurso de reformulação, a autora mantém a figura prototípica (categoria I) e amalgama as categorias II e III em uma nova, denominada de Fundo 1, pois, na perspectiva de Chedier (2007), essas categorias apresentam, ainda, algumas características da figura prototípica.

Por fim, a pesquisadora amalgama as categorias IV, V e VI e as denomina de Fundo 2, visto que, na visão dela, essas categorias estariam mais próximas do plano discursivo fundo.

A seguir, expomos a proposta de Chedier (2007, p. 49-50), que utilizaremos para a análise das formas de tratamentos (*tú, vos e usted*) nas peças de teatro uruguaias e argentinas:

(i) figura: apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos. Quanto à codificação morfossintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas;

(ii) fundo 1: apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresenta ou resume o que vai ser relatado; apresenta o cenário, os participantes e a fala dos personagens. Há, também, cláusulas-fundo que especificam o modo, a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);

(iii) fundo 2: contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas). Pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, opiniões, dúvidas e conclusões.

## 4 Formas de tratamento no espanhol da Argentina e do Uruguai

### 4.1 Argentina

Na Argentina, o uso da forma pronominal *vos* sempre gozou de prestígio, nos distintos âmbitos da sociedade. Por exemplo, entre os séculos XIX e XX, o uso de *vos* já denotava prestígio social em todo o país. Assim, os imigrantes, que chegaram para trabalhar na Argentina, rapidamente, o incluíram em seu repertório linguístico.

De acordo com Couto e Kulikovski (2011), o uso de *vos*, como forma de tratamento de prestígio social, está estendido a todas as classes sociais, inclusive, em interações verbais coloquiais e familiares, ou seja, essa forma está presente na norma culta e, também, figura nos manuais didáticos e na gramática prescritiva do país, tanto na forma completa (*voseo* pronominal e verbal), quanto na monotongada (*vos vivís*).

Ao tratar das formas de *voseo*, Carricaburo (1997) elenca três tipos de paradigmas *voseantes* que afetam as formas verbais, a saber: (i) tipo I (-ais/-eis; -eis/-ais; -is/-ais); (ii) tipo II (-as/-es; -es/-as; -is/-as) e o (iii) tipo III (-ais/-is; -is/-ais; -is/-ais). O *voseo* de tipo I, corresponde ao *voseo* ditongado (*vos tenéis*), enquanto os outros dois correspondem ao *voseo* monotongado. As formas monotongadas podem aparecer com a vogal mais aberta (*vos tenés*) ou mais fechada (*vos tenís*).

Rincón (2009) assevera, ainda, que o voseo verbal e nominal (completo) está mais restrito à província de Buenos Aires. Em outras áreas argentinas, com menos intensidade, é possível identificar o *voseo* pronominal (*vos cantas*) e, inclusive, nas províncias de Mendoza, San Luis e San Juan, podemos encontrar o *voseo* chileno (*vos tenéis*<sup>1</sup>). Isso se dá pelo fato de que essas três províncias estiveram ligadas ao Chile até o ano de 1776.

No que toca ao uso efetivo das formas de tratamento de segunda pessoa do singular, geralmente, os argentinos preferem o uso de *vos* para situações mais informais, ou seja, que denotam confiança e proximidade entre o falante e o seu interlocutor. Por outra parte, há o uso de *usted* para contextos de interações verbais mais formais. Nesse país, com o passar dos séculos, a forma *tú* está sendo substituída pelo pronome *vos*.

Atualmente, o *voseo* está generalizado em relações de confiança, nas modalidades orais e escrita, tanto que o predomínio da dimensão de solidariedade sobre a dimensão de poder, na perspectiva de Brown e Gilman (1960), está cada vez mais forte, visto que os jovens argentinos utilizam a forma *vos* mais que os adultos, não só em relações familiares como também, quando não há nenhum conhecimento prévio.

Essa situação, também, ocorre em contextos de uso mais monitorados, a saber: em cinema, rádio e televisão, em atos oficiais, publicidades, em traduções de obras teatrais, de artigos de revistas, em entrevistas e no emprego dos livros de ensino, tanto para Educação Infantil quanto para Fundamental e Ensino Médio.

A respeito do *ustedeo*, segundo Carricaburo (2010), esse pronome é empregado para o tratamento familiar, em que denota carinho ou confiança, podendo ser usado

---

<sup>1</sup> Segundo Rincón (2009), o *voseo* chileno predomina no âmbito coloquial, mas podemos encontrar a forma verbal no contexto familiar. Para o autor, esse tipo de *voseo* é fundamentalmente verbal, ou seja, combina o pronome *tú* com verbos ditongados (*tenéis, estudiáis*). No espanhol chileno coloquial, é recorrente: (i) a perda da letra “s” nas formas terminadas em áis: *cantái, comái*; (ii) a troca de éis por ís (perda da vogal aberta ou a preservação de ís): *tú* ou *vos comís*; (iv) predomínio de expressões como *tú erís* no lugar de *tú eres*, e, ainda, *tú soi* no lugar de *vos sois*.



como forma de saudação. A amizade e o companheirismo encontraram entre os jovens outra forma de manifestar-se, ou seja, o uso solidário do pronome *usted*, que focaliza a imagem do interlocutor do grupo.

## 4.2 Uruguai

Referente ao tratamento pronominal uruguaio são dois fenômenos que distinguem o espanhol no Uruguai: a ausência no uso de *vosotros* na língua cotidiana e a possibilidade de escolher duas formas de tratamento para a segunda pessoa do singular: *tú* e *vos*. A forma *vos* combina-se, exclusivamente, com verbos na sua forma voseante (*vos tenés*), já o pronome *tú* pode ocorrer tanto com as formas verbais tuteantes (*tú quieres*), quanto com as formas voseantes (*tú querés* – paradigma híbrido), de acordo com Bertolotti e Coll (2006).

Em meado do século XIX, conforme Bertolotti e Coll (2006), para além da consolidação do uso de *voseo* pronominal, há, também, a incorporação, por parte dos uruguaio, da forma pronominal *usted*, com o propósito comunicativo de marcar um distanciamento de cunho formal entre o falante e o seu interlocutor, tanto no singular (*usted*) quanto no plural com o pronome *ustedes*, visto que a forma *vosotros* já estava caindo no desuso, em meados desse século.

Ao analisarmos o paradigma pronominal do século XIX, no Uruguai, de acordo com Silva (2021), verificamos o crescimento do *voseo* pronominal e verbal em detrimento do *tuteo* pronominal e verbal, que ocorreu com o processo de industrialização que sofreu o Uruguai, desde o final do século XIX e princípios do século XX e, ainda, a crescente imigração interna para as cidades, o que aumentou a frequência e a aceitabilidade do *voseo*.

Desse modo, nesse país, o sistema pronominal de segunda pessoa do singular é o mais complexo da zona do Rio da Prata, de acordo com Bertolotti e Coll (2006), posto que podemos vislumbrar, pelo menos, três usos, a saber:

- *Voseo* completo (verbal e pronominal) – (*vos sos*), predomina no sudoeste, noroeste e nordeste do Uruguai;
- *Tuteo* pronominal e *voseo* verbal ou formas híbridas *Tuteo-Voseo* – (*tú sos*) e V-T – (*vos eres*), que corresponde à norma culta montevideana;
- *Apenas o tuteo* – (*tú eres*) ocorre, principalmente, na zona “ultraserrana” composta pelas cidades de Rocha, Lavalleja e Maldonato e a zona norte chamada por Rona de “tacuarembense”.

Atualmente, as formas de tratamento utilizadas no Uruguai, conforme Bertolotti e Coll (2006, p.36), são:

Quadro 1 - Formas pronominais segundo seu número e sua pragmática (início do século XXI, Uruguai).

Número	Aproximação		Distância
Singular	<i>Vos</i>	<i>Tú</i>	<i>Usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>		

Fonte: Bertolotti e Coll (2006).

Concluída a exposição de nosso referencial teórico, apresentamos, na seção seguinte, os procedimentos metodológicos que mediaram a nossa prática e possibilitaram a realização desta investigação.

## 5 Metodologia

Para a realização desta pesquisa, selecionamos o gênero peça de teatro, visto que, na concepção de Ubersfeld (2005), o teatro é a um só tempo produção literária e representação concreta da realidade. Ryngaert (2005) acrescenta, ainda, que o texto de teatro tem o bizarro estatuto de uma escrita destinada a ser falada. Deste modo, neste gênero, há uma relação complexa entre a oralidade e a escrita, fato que pode ser explorado, uma vez que Marcuschi (2010) salienta a pertinência de se ter em mente a relação entre o oral e o escrito, no estudo dos gêneros textuais. Além disso, Mambrini

(2004) ressalta o uso da linguagem popular, na caracterização de personagens nos textos teatrais, como fonte de pesquisa variacionista.

A amostra das peças teatrais analisadas provém de sites argentinos e uruguaios. Assim, o corpus conta com 08 (oito) peças teatrais, sendo 4 (quatro) de cada país, situadas entre 1901 e 1940. Escolhemos este recorte temporal, considerando a produtividade de uso das formas sob análise nas variedades examinadas, conforme Silva (2021).

Os critérios utilizados para escolhermos as peças teatrais foram os seguintes:

- autores rio-platenses, que influenciaram o desenvolvimento da dramaturgia de seu país;
- período histórico dos textos;
- extensão da obra teatral;
- peças teatrais de domínio público (internet);
- ocorrência das formas sob análise.

Partindo dessas delimitações, foram selecionadas 08 peças de teatro rio-platenses para compor a amostra, dividida conforme a organização do quadro 2. Vejamos:

Quadro 2 - *corpus* da pesquisa.

PAÍS	PEÇAS	ANO	AUTOR
ARGENTINA	Locos de Verano	1905	Gregorio de Laferrère <sup>2</sup>
	Las de Barranco	1908	
	Saverio el cruel	1936	QRoberto Arlt <sup>3</sup>
	La isla desierta	1937	
URUGUAI	En familia	1905	Florencio Sánchez <sup>4</sup>
	La tigre	1907	
	El estanque	1910	Ernesto Herrera <sup>5</sup>
	La moral de Mísiá Paca	1913	

Fonte: elaboração própria (2019).

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar>

<sup>3</sup> Disponível em: <http://200.31.177.150:4949/ebooks/VBOOKS/Robert%20Arlt%20-%20Saverio%20el%20cruel.pdf>

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com>

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.letrasmexicanas.mx> e <http://pt.scribd.com>

Para a organização e contabilização dos dados, utilizamos uma planilha do Excel e mapeamos as ocorrências, em cada peça de teatro. Vale salientar que a contagem foi conferida pelos dois autores, após a conclusão de cada texto. Neste percurso, foram desconsideradas as seguintes ocorrências (Oco):

(i) Pronomes *tú, vos* ou *usted* empregados de forma isolada, sem a presença de algum verbo, do qual sejam sujeito;

Oco: MERCEDES. – *¿También vos? ¡Les ha dado fuerte con eso!* (SÁNCHEZ, 1905, p. 4).

(ii) Pronomes *tú, vos* ou *usted*, que não estivessem em posição de sujeito da oração;

Ocorrência: TOMÁS. – **(Por foro.)** *Aquí trae el mensajero esta carta para vos.* (SÁNCHEZ, 1905, p. 12).

(iii) Pronomes *tú, vos* ou *usted* repetidos, atrelados a um único e mesmo verbo;

Oco: MERCEDES. – (A JORGE.) *¿Vas o no vas?* (SÁNCHEZ, 1905, p. 5).

(iv) *Voseo* misto explícito:

- *Vos cantas* (*voseo* misto pronominal);

Oco: SEVERO: [*con aparente ingenuidad*] *Pues a vos te queda muy bien... [Se muerde las uñas.]* (LAFERRÈRE, 1905, p. 16)

- *Tú cantás* (*voseo* misto verbal);

Oco: MERCEDES. – *Delfina: ¿por qué no te sacás el sombrero? ¡Acompáñenla, muchachas!* (SÁNCHEZ, 1905, p. 6).

Na próxima seção, analisaremos a ocorrência das formas de tratamento de segunda pessoa do singular em língua espanhola (*tú, vos* e *usted*), nas peças argentinas e uruguaias, à luz dos pressupostos teórico-descritivos, explicitados nas seções anteriores.

## 6 Descrição e análise dos dados

Nesta seção, realizaremos a análise quali-quantitativa dos resultados sobre as formas pronominais de tratamento *tú, vos* e *usted*, na função de sujeito da oração, oriundas do *corpus* peças teatrais descritas na seção anterior. Após um breve resgate sobre a amostra analisada, procederemos à apresentação do número de ocorrências obtidas nas obras teatrais selecionadas, por meio de tabelas, da hipótese e dos resultados encontrados.

A continuação, explicitamos os dados referentes às peças teatrais uruguaias, com a meta de examinar, considerando o princípio funcional da marcação, os contextos prototípicos de uso das formas sob análise. Em outras palavras, correlacionaremos as ocorrências dessas formas pronominais aos planos discursivos figura e fundos 1 e 2, segundo a categorização proposta por Chedier (2007), para o relevo discursivo.

Vejamos na tabela 1 os dados obtidos:

Tabela 1 - formas de tratamento (espanhol uruguaio) *versus* relevo discursivo.

Plano discursivo	Figura		Fundo 1		Fundo 2	
	Oco <sup>6</sup> ./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	68/103	66,02%	3/3	100%	6/7	85,71%
<i>Vos</i>	16/103	15,53%	0/3	-	1/7	14,29%
<i>Usted</i>	19/103	18,45%	0/3	-	0/7	-
<i>Total</i>	103		3		7	

Fonte: elaboração própria.

A título de ilustração, vejamos algumas ocorrências de usos dessas formas de tratamento, para cada plano discursivo:

<sup>6</sup> Nas tabelas, optamos pelas seguintes abreviaturas: (i) **Oco** – ocorrências; (ii) **Freq** – frequência de uso.

## (i) Figura

Oco: (1) HAYDÉE – *¿Hablas por mí, che?* (SÁNCHEZ, 1907, p. 4)

Oco: (2) HAYDÉE – ¡Jesú! *No beba usted eso. Tenemos un jerecillo... un «Tío Pepe» que da calor: pruébelo usted.* (SÁNCHEZ, 1907, p. 4)

## (ii) Fundo 1

Oco: (1) LA TIGRA – *¿Y qué quieres que haga? ¿Meterme de monja? Cada uno en su oficio. Tú, albañil, no te vas a poner de relojero, cuando los achaques no te permitan trepar al andamio.* (SÁNCHEZ, 1907, p. 3) – indicando oração de tempo.

## (iii) Fundo 2

Oco: (1) LA TIGRA – ¡Inocente! *¿Lo piensas realmente, o hablan los celos? ¿Crees que a esta altura de mi vida, y con todo lo que he vivido, haya hombre capaz de hacerme cometer zonceras?* (SÁNCHEZ, 1907, p. 3)

Oco: (2) LA TIGRA – Ya te lo he dicho, hijito... Si *no quieres* de mi más que eso, *quedas* en libertad de no volver, o de cambiar de mesa. Lo sentiría mucho, porque te he tomado cariño, y me gusta conversar contigo, pero te repito que entre los dos no habrá más que amistad, mucha, mucha amistad. Toda la que tú quieras. (SÁNCHEZ, 1907, p. 4)

Considerando as proposições de Givón (1995) sobre marcação, hipotetizamos que as formas de tratamento mais informais e, portanto, menos complexas estruturalmente e cognitivamente (*vos e tú* – estruturas menos marcadas) tendem a aparecer em contextos menos complexos cognitivamente, ou seja, na figura e no fundo

01, os quais são contextos não marcados em relação ao fundo 02, visto que as informações fluem mais facilmente na progressão da narrativa, em termos de tempo de processamento cognitivo.

Relacionando os resultados obtidos com a nossa hipótese, observamos que ela foi confirmada parcialmente. Os pronomes de tratamento *tú* e *vos* apresentaram percentuais de frequência de 66,02% e 15,53%, respectivamente, para figura, confirmando a nossa hipótese inicial de que essas formas menos marcadas ocorreriam, predominantemente, no contexto menos marcado (figura), em consonância com o princípio funcional de marcação de Givón (1995).

Por outro lado, no contexto do plano discursivo fundo 01, encontramos somente 03 dados do pronome *tú*, o que corrobora a hipótese proposta, visto que esse contexto, também, é considerado menos marcado em relação ao plano discursivo fundo 2. No entanto, é salutar ponderarmos que não houve ocorrências da outra forma menos marcada (*vos*).

Referente ao pronome *usted*, a nossa hipótese não foi confirmada, uma vez que essa forma de tratamento mais marcada apareceu apenas no contexto de uso menos marcado (figura), com um percentual de frequências de uso de 18, 45%, ou seja, com 19 ocorrências.

Nesse caso, uma explicação funcional plausível seria afirmar que figurou o princípio do equilíbrio cognitivo, proposto por Dubois e Votre (2012), ou seja, o fato de formas mais marcadas (no caso, *usted*) tenderem a aparecer em contextos menos marcados (figura), para que haja um equilíbrio cognitivo contextual na codificação da mensagem, por parte do interlocutor da situação comunicativa.

Concluída essa análise de cunho funcional, seria pertinente questionarmos se realmente o pronome *usted* figura como forma de tratamento de segunda pessoa do singular em todos os contextos formais, no espanhol uruguaio do século XX, visto que Behares (1981) aponta, na fala de Montevideu, uma tendência à abertura das relações sociais para o uso de formas solidárias (*tú* e *vos*), em alguns contextos formais.

Para além disso, Campos e Rodrigues-Moura (1998), ainda, chamam a atenção para o avanço das convenções sociais e, inclusive, para a flexibilização do sistema pronominal hispânico, tornando-se difícil saber quando temos que ser formais ou informais. Essa problemática, também, é transposta para as peças de teatro, pois os autores procuram retratar o vernáculo, por meio dos diálogos entre os personagens, segundo Silva (2021).

Ademais, apesar de o uso de *usted*, para Carricaburo (1997), ser categorizado como uma estrutura formal de poder, no que toca à questão das relações de simetria e assimetria (BROWN; GILMAN, 1960), ao tratar do espanhol americano, é possível que o pronome *usted*, em determinados contextos de uso, funcione como uma estrutura informal e solidaria. Por exemplo, segundo Matte Bon (2008), houve uma ampliação dos usos de *usted* em alguns países da América, podendo ocorrer em contexto de intimidade (relações familiares, entre namorados etc.), a depender das intenções comunicativas e do tema da interação verbal. Um exemplo clássico acontece, no contexto familiar, quando o pai quer repreender a filha e a trata por *usted*. Assim, podemos encontrar essa forma, também, em contextos menos formais e de intimidade, ou seja, em contextos menos marcados.

Com base no que foi exposto, podemos concluir que a nossa hipótese foi atendida parcialmente, posto que o uso de *usted* em um contexto mais marcado (fundo 2) não foi confirmado. Podemos atribuir isso ao fato de o pronome *usted* ser mais marcado em relação aos pronomes *tú* e *vos*, conforme categorizamos em nossa hipótese. No entanto, ser menos marcado em relação a outros pronomes utilizados pelos uruguaios, tais como: *señor* e *señora*.

Desse modo, os autores das peças uruguaias, ao vislumbrarem o sistema pronominal do espanhol, podem não considerar a forma *usted* como uma estrutura marcada e a utilizarem em contextos menos marcados, como no caso do plano discursivo figura, ou seja, na progressão da narrativa.



Referente à categoria plano discursivo, na Argentina, a tabela a seguir traz os resultados que obtivemos:

Tabela 2 - forma de tratamento (espanhol argentino) *versus* relevo discursivo.

Plano discursivo	Figura		Fundo 1		Fundo 2	
	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.	Oco./Total	Freq.
<i>Tú</i>	198/642	30,84%	2/13	15,38%	16/115	13,91%
<i>Vos</i>	317/642	49,38%	5/13	38,46%	21/115	18,26%
<i>Usted</i>	127/642	19,78%	6/13	46,15%	78/115	67,83%
<i>Total</i>	642		13		115	

Fonte: elaboração própria.

Vejamos alguns exemplos, para cada plano discursivo:

#### (iv) Figura

Oco: (1) PEPE: Hasta luego. [Volviéndose hacia ENRIQUE.] *¿Y vos no decís nada? ¿Qué te ha parecido?* [Se sienta.] (LAFERRÈRE, 1905, p. 7)

Oco: (2) ANGELA: [muy melosa] *¿Necesita usted algo?* (LAFERRÈRE, 1905, p. 30)

Oco: (3) SEVERO: *¿No has visto a Arturo?* (LAFERRÈRE, 1905, p. 40)

#### (v) Fundo 1

Oco: (1) LINARES: (Sonriendo.) Pues ya que *me dice usted* lo que hablaba con Morales, yo también quiero decirle lo que conversaba con Petrona. Le estaba contando un cuento. (LAFERRÈRE, 1908, p. 53)

Oco: (2) MORALES: (Por decir algo.) Cuando lleguen les diré que *ha venido usted*. (LAFERRÈRE, 1908, p. 21)

Oco: (3) SUSANA (irónica). - ¡Miserable! *¿Pensabas tú* en la buena crianza cuando me arrebataste el trono? (Patética.) [...] (ARLT, 1936, p. 36)

(vi) Fundo 2

Oco: (1) FEDERICO: ¡Ah! Sí. *¿Pero no ha visto usted* lo que le digo yo en mi diario? (LAFERRÈRE, 1905, p. 39)

Oco: (2) ENRIQUE: *¿Pero siquiera sabés* lo que ha pasado, para hablar así? (LAFERRÈRE, 1905, p. 61)

Oco: (3) SAVERIO (impaciente). - *¿Pero no te das cuenta*, mujer, que en las palabras que pronuncias radica tu absoluta falta de sentido político? ¡Ingenua! Se toma el poder por quince días y se queda uno veinte años. (ARLT, 1936, p. 20)

Nas peças argentinas, no plano discursivo figura, obtivemos 198 ocorrências de *tú* e 317 de *vos*, o que corresponde a 30,84% e 49,38%, respectivamente. Desse modo, houve o uso de formas menos marcadas em um contexto, também, menos marcado, atendendo ao que preconiza o princípio de marcação de Givón (1995).

Em relação ao fundo 1, obtivemos 13 ocorrências, sendo 2 para a forma *tú* (15,38%), 5 para *vos* (38,46%) e 6 para *usted* (46,15%), o que contempla parcialmente a nossa hipótese inicial, já que, nessa categoria a hipótese seria a de maior ocorrência somente dos pronomes *tú* e *vos* (formas menos marcadas). No entanto, é importante ponderarmos que, nesse contexto, considerado, também, menos marcado, somando as

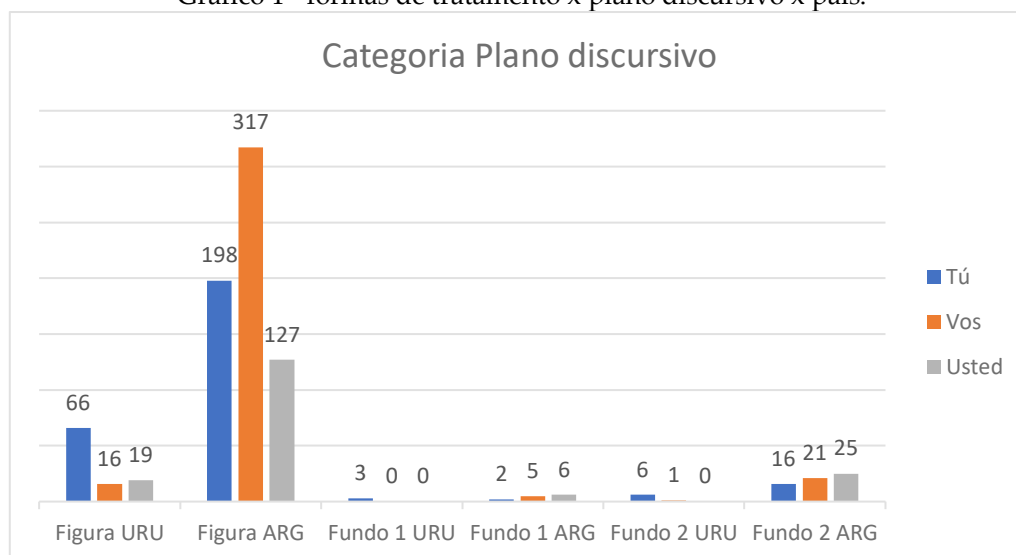
ocorrências das formas de tratamento menos marcadas, o resultado está em consonância com o princípio givoniano da marcação.

Referente à forma *usted* (forma mais marcada), essa apareceu em todos os planos discursivos, com predominância no fundo 1, com 6 casos, ou seja, 46,16% dos dados. Já no fundo 2, obtivemos 78 dados, o que corresponde a 67,83% do total de ocorrências. Para essa forma de tratamento, a nossa hipótese foi contemplada plenamente, visto que hipotetizamos que a sua ocorrência, predominantemente, dar-se-ia no plano discursivo fundo 2 (contexto mais marcado).

O pronome de tratamento *usted* (forma mais marcada) ocorreu, também, em contextos menos marcados, a saber: planos discursivos figura e fundo 1. Esse resultado não contempla a nossa hipótese para o princípio givoniano de marcação, visto que, nesse caso, os personagens das peças argentinas optaram pelo equilíbrio estrutural e cognitivo, nos termos de Dubois e Votre (2012). Para os autores, esse equilíbrio acontece quando o falante utiliza formas mais marcadas em contextos menos marcados.

No contraste entre os dois países, o gráfico a seguir traz uma comparação com os resultados que obtivemos entre as peças uruguaias e argentinas.

Gráfico 1 - formas de tratamento x plano discursivo x país.



Fonte: elaboração própria.

A partir da análise dos dados do gráfico 1, podemos verificar que no plano figura, nas peças teatrais argentinas, predominou as formas menos marcadas, a saber: (i) *tú* com 198 ocorrências e (ii) *vos* com 317. Por outra parte, no Uruguai, os pronomes de tratamento *tú* e *vos* figuram com 66 e 16, respectivamente, para figura. Nesse caso, as formas menos marcadas foram as mais frequentes no contexto do plano figura (menos marcado).

Em relação ao plano fundo 1, nas peças argentinas, encontramos 13 dados, com 2 para a forma *tú*, 5 para *vos* e 6 para *usted*, enquanto no Uruguai, obtivemos apenas 3 ocorrências, o que contempla parcialmente a nossa hipótese inicial. Nesse contexto, considerado, também, menos marcado, nas peças uruguaias, encontramos apenas uma das formas de tratamento menos marcada (*tú*), já nas peças argentinas, identificamos o uso das duas formas menos marcadas (*tú* e *vos*).

Por fim, no tocante ao plano fundo 2, nas peças argentinas, contabilizamos 78 dados da forma *usted*. Esse resultado confirmou a nossa hipótese, considerando o princípio de marcação, posto que a forma mais marcada (*usted*) foi mais recorrente no contexto mais marcado (fundo 2). Em contrapartida, nas peças uruguaias, localizamos apenas 6 dados da forma *tú*, o que refutou totalmente a nossa hipótese, pois essa forma é considerada menos marcada, nos termos givonianos.

## 7 Considerações finais

Esta pesquisa deteve-se em uma análise funcional dos pronomes de segunda pessoa do singular da língua espanhola, considerando as variedades uruguiaia e argentina, o gênero peça de teatro e os contextos prototípicos de uso, via planos discursivos (figura, fundo 1 e fundo 2).

Para concluirmos, retomamos o percurso realizado nesse artigo desde as asserções iniciais à análise e discussão dos resultados, apontamos suas principais contribuições e possíveis desdobramentos, de cunho descritivo-analítico, para investigações futuras.

No que diz respeito ao relevo discursivo, considerando o princípio funcional da marcação, esperávamos que os pronomes de segunda pessoa do singular mais informais (*tú* e *vos*) e, portanto, menos complexos estruturalmente e cognitivamente (menos marcados) figurassem em contextos de uso, também, menos marcados, a saber: figura e fundo 1. Por outra parte, hipotetizamos que a forma mais marcada (*usted*) seria mais frequente no contexto mais marcado (fundo 2).

A nossa hipótese se confirmou nas peças teatrais argentinas. No entanto, nas peças uruguaias, confirmou-se parcialmente, visto que encontramos a forma mais marcada (*usted*) no plano menos marcado e, ainda, a forma *tú* figurou nos três planos discursivos.

Dessa forma, propomos que novos estudos sejam realizados com a inclusão de mais peças teatrais, de outros recortes temporais, de dados orais, de mais formas de tratamento, e, ainda, de fatores de cunho sociolinguístico, em uma perspectiva sociofuncional. No sentido de explicar questões, expostas nesse artigo, sobre o funcionamento do sistema pronominal uruguaio, que vão além das explicações de natureza funcional.

À guisa de conclusão, esperamos, com este estudo, contribuir para ampliar as discussões sobre as formas de tratamento e os planos discursivos, pelo viés funcional, e, assim, oportunizar novas possibilidades de análise e possíveis desdobramentos de cunho teórico-analítico.

## Referências

ANDIÓN HERRERO, M. A. **Las variedades del español en América:** una lengua y diecinueve países. Brasília: Consejería de Educación de la Embajada de España, 2004.

BEHARES, L. E. Estudio sociodialectológico de las formas verbales de segunda persona en el español de Montevideo. In: ELIZAINCÍN, A. (ed.). **Estudios sobre el español del Uruguay.** Montevideo: Universidad de la República, 1981. p. 27 – 49.

BERTOLOTI, V.; COLL, M. Apuntes sobre el español en el Uruguay: historia y rasgos caracterizadores. **Revista de Estudios de Ciencias Sociales y Humanidades**. p. 31-40, n. 16, 2006.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. *In*: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (ed.) **Sociolinguistics. The Essential Readings**. United Kingdom: Blackwell, 2003 [1960]. p. 156-176.

CAMPOS, S. N.; RODRIGUES-MOURA, E. ¿Formal o Informal? He ahí la cuestión... las formas de tratamiento en las clases de E/LE para alumnos brasileños. **ASELE, Actas IX**, 1998. Disponível em: <http://goo.gl/PVVz1N>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CARRICABURO, N. El ustededeo, un fenómeno que avanza en la Argentina. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (org.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D. F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 887-900.

CARRICABURO, N. **Las fórmulas de tratamiento en el español actual**. Madrid: Arco Libros, S.A., 1997. 83 páginas. (Cuadernos de Lengua Española)

CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M.; ABRAÇADO, J. Sociofuncionalismo. *In*: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JR, C. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto. 2016, p. 45-61.

CHEDIER, C M. **Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

COUTO, L. R.; KULIKOVSKI, Z. M. El voseo argentino y el voseo chileno: diferencias sociolingüísticas e conversacionales a través de diálogos cinematográficos y textos en internet. *In*: COUTO, L. R.; LOPES, C. R. dos S. **As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Niterói: Editora da UFF, 2011. P. 497-531.

CUNHA, M. A. F. da *et al.* Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. da (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ. p. 13-40.

DUBOIS, S.; VOTRE, S. J. **Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico: à procura da essência da linguagem**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

DUBOIS, S.; VOTRE, S. J. Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. *In*: VOTRE, S. J. (org.). **A construção da gramática**. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2012. p. 39-67.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990. DOI <https://doi.org/10.1075/z.50>

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**: a prospectus. New York, University of Oregon, 1991. 167 p.

GIVÓN, T. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. *In*: **English Grammar**: a functional-based introduction. Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing Co., vol. I e II, 1995.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. *In*: GIVÓN, T. (org.) **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979. DOI [https://doi.org/10.1163/9789004368897\\_010](https://doi.org/10.1163/9789004368897_010)

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980. DOI <https://doi.org/10.1353/lan.1980.0017>

MAMBRINI, E. **Teatro e Variação**: a colocação pronominal em duas versões de A viúva Pitorra, de João Simões Lopes Neto. 2004. 195p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2004.

MARCHUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, A. et. al. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38.

MATTE BON, F. **Gramática comunicativa del español**. Tomo 1 – De la lengua a la idea. Madrid: Edelsa, 2008.

PEZATTI, E. G. O Funcionalismo em Linguística. MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos, v. 3, São Paulo: Cortez, 2004.

PONTES, V. de O. **O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol**: um estudo sociofuncionalista. 2012. 265p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2012.

PONTES, V. de O. A correlação entre as formas verbais imperfectivas e os planos discursivos sob a ótica da marcação e do processo de gramaticalização. **Calidoscópico**, v. 14, p.184-198, 2016. DOI <https://doi.org/10.4013/cld.2016.142.01>

RINCÓN, L. A. Voseo, el otro castellano de América. **Rhela**, vol. 14, p. 267 – 288, 2009.

RYNGAERT, J. P. **Introdução à análise do teatro**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 192p.

SILVA, R. F. **Análise sociofuncional das formas de tratamento *tú, vos e usted* em obras teatrais argentinas e uruguaianas no início do século XX**. 2021. 118p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2021.

SILVEIRA, E. **O aluno entende o que se diz na escola**. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

UBERSFELD, A. **Para ler o teatro**. Tradução de José Simões (coord.). São Paulo: Perspectiva 2005.